

As inusitadas histórias dos candidatos que estão na fila da clonagem já revelam um retrato do que poderá ser esta nova família. Segundo a bioquímica Brigitte Boisselier, diretora da Clonaid, o bebê Eva seria resultado da gravidez de uma americana de 31 anos, que teria dado à luz a um clone de si mesma. Dois outros clones estariam a caminho. Um deles seria cópia de um irmão: os pais, inconformados com a morte do filho, teriam pago para ter um clone da criança. O outro clone seria filha de uma dupla de lésbicas holandesas. O italiano Severino Antinori não forneceu detalhes, mas deu a entender que estaria produzindo um clone para um milionário árabe.

Boa parte do dinheiro que já financiou pesquisas sobre a clonagem vem de uma tragédia. O americano Mark Hunt pagou centenas de milhares de dólares para que Brigitte clonasse seu filho morto aos 10 meses de idade e agora processa a especialista pelo fracasso da experiência. Tentativas como essas apimentam ainda mais a discussão sobre as novas técnicas de reprodução humana.

— Se um pai pretende clonar um filho morto precisa entender que isto é uma coisa negativa para a criança. Como ela vai se ver ocupando o lugar de um morto? Ela precisa escrever a história dela e não reescrever a de alguém que morreu — defende o psicanalista Marco Aurélio Jorge.

Opinião endossada pela médica e professora do Instituto de Medicina Social da Uerj Marilena Correa:

— A dor da perda de um filho não some. Esse luto não será resolvido com um clone.

Uma solução para manter sob controle os nascimentos dos clones seria criar uma legislação mundial impedindo a prática. Hoje, apenas 30 países, o Brasil entre eles, proíbem a clonagem humana (segundo a lei de biosegurança 8.974, que estabelece normas para o uso das técnicas de engenharia genética e a liberação no meio ambiente de organismos geneticamente modificados). Mas a técnica ainda é permitida nos Estados Unidos e em parte da Ásia e do Oriente Médio.

— A proibição da clonagem é inócua: há tecnologia e demanda para que ela exista — defende Benilton Bezerra. — Defendo que se criem, sim, novos mecanismos de discussões sobre o tema para que toda a sociedade participe e não vire um assunto de especialistas. Daí haverá um controle para a clonagem não virar um mercado da vida — completa.

ma a família, o filósofo Henri que Antoun aponta um problema das uniões em que há clonagem. Para ele, afetivamente as pessoas gostam do que é diferente. A clonagem, por isso, provoca uma relação muito paradoxal.

— A mãe vai ter uma filha igualzinha a ela. Pode amá-la, claro, mas também pode odiá-la por toda essa semelhança. A pessoa enjoa da mesmice, é afetivo gostar do diferente. Já pensou 30 seres idênticos? Cada um vai querer ser mais diferente do que o outro na busca por sua individualidade — diz Antoun.

Problema inexistente para Benilton, já que a espécie hu-

mana conhece seres geneticamente iguais:

— Os irmãos gêmeos univitelinos são geneticamente iguais. Mas não são cópia no plano psicológico. Sonhos, trajetórias, circunstâncias de vida formam a individualidade. É ingenuidade achar que um clone será igualzinho ao original — diz.

O alerta também é feito por Marco Aurélio Jorge:

— Que ninguém clone Einstein achando que terá um gênio. Nem tudo é genética, o meio ambiente influencia.

Preservar a diferença, nascer da junção de um espermatozóide com um óvulo, receber características genéticas

Família tradicional não existe mais há décadas

Para Benilton, a estrutura familiar já se transformou muito ao longo das últimas duas décadas.

— Antigamente, era impensável ouvir algo do tipo "a mãe do meu irmão" ou o "irmão do meu irmão". A família mudou e não causou traumas. É claro que esquisitices sempre vão acontecer, mas a tendência é de que a clonagem se torne aceitável.

A família de casais homossexuais, com a adoção de crianças ou a inseminação artificial, para a psicanalista Maria Helena Junqueira, foi a segunda grande mudança pela qual a família passou. A primeira se deu quando os pais começaram a se separar, coisa que também fez os filhos sofrerem preconceito e se ressentirem por não ser uma opção deles. O terceiro momento de transformação da família seria agora com a clonagem, mudança ainda mais espetacular.

— A família tradicional se dissolveu. Mas enquanto houver função paterna (que pode ser exercida por qualquer pessoa) e função materna (que também não precisa necessariamente ser posta em prática pela mãe) vai continuar existindo a família — diz.

Se a afetividade é o que for-

de uma mulher e de um homem são, para Suely Gevertz, psicanalista e professora do Cedes-Sapientiae, o que garante a continuidade da espécie:

— Os seres humanos só se aprimoram com a diferença e é isso que os mantém vivos.

No entanto, seria justamente a vontade de perpetuação da espécie o que moveria os casais para ficar na fila de espera por um clone.

— Ter filhos pela maneira tradicional já é uma forma de se eternizar. Clonar seria uma outra forma, antinatural — explica Marco Aurélio Jorge.

O coordenador da Comissão de Bioética do Cremerj, Arnaldo Pineschi, é mais enfá-

tico: para quê clonar?

— Por que fazer uma pessoa por este método, qual seria a utilidade? Seria para resolver um problema de infertilidade do casal? Mas há outros métodos para isso. Para se tentar buscar um ser perfeito? Por vir a ser, no futuro, economicamente mais viável? A tecnologia para se fazer humanos não é dominada para se criar um bebê — diz.

Para ele, descartar vários embriões e gerar crianças malformadas até que a técnica esteja bem desenvolvida é um preço alto demais:

— Deveríamos investir na clonagem terapêutica primeiro para depois evoluir para a reprodutiva. ■

CLONE DE FILHO MORTO E BRIGA POR EMBRIÕES

• SÓ SERVE SE FOR SURDO:

As americanas Sharon Duchesneau e Candace McCullough usaram a inseminação artificial para ter dois filhos surdos como elas. Para gerar Jehanne, de 5 anos, e Gauvin, de 5 meses, o casal homossexual contou com a ajuda de um amigo da família, também surdo, depois que vários bancos de espermatozóide se recusaram a colaborar com seus planos.

• NINGUÉM QUER ESTES

BEBÊS: No meio de 2001, faltavam apenas três meses para a mãe de aluguel inglesa Helen Beasley ter um casal de gêmeos e ela ainda procurava alguém para adotá-los. Beasley alugou o útero por US\$ 20 mil a um casal americano submetido à fertilização in vitro. Mas o casal queria apenas um filho e desistiu dos bebês. Ela se negou a fazer aborto porque

a gravidez estava adiantada.

• **BRIGA POR EMBRIÕES:** Um casal disputa a guarda de sete embriões na Justiça dos EUA. Submetido à fertilização in vitro em 95, o casal, hoje separado, teve quatro dos 11 embriões obtidos implantados. Os dois tiveram um filho e agora o ex-marido quer que os embriões sejam implantados em sua nova mulher.

• INCESTO SEM SEXO:

Uma francesa deu à luz há dois meses um filho de seu irmão nos EUA. Jeanine Salomone, de 62 anos, pagou quase US\$ 100 mil para ter uma menina, que nasceu há cinco semanas. O espermatozóide foi doado pelo seu irmão. A clínica confessou que não pediu a certidão de casamento dos dois.

• ESPERMATOZÓIDE DO MA-

Arquivo

RIDO MORTO: Em 1999, a viúva americana Gaby Vernoff deu à luz nos EUA a um filho gerado a partir de seu óvulo e do espermatozóide congelado de seu marido, morto em 1995. Foi o primeiro caso do tipo no mundo.

• DOIS PAIS E UMA ÚNICA

MÃE: O casal homossexual inglês Barrie Drewitt e Tony Barlow alugou o útero de uma mulher para receber dois embriões, concebidos com os espermatozoides deles e os óvulos vendidos por uma americana. Os bebês, cada um de um pai mas com a mesma mãe, nasceram em janeiro.

• TIA E MÃE AO MESMO TEM-

PO: A menina Elizabetta nasceu em Roma, em 1995, dois anos depois de sua mãe biológica morrer. A menina foi gerada pela irmã de seu pai biológico, que serviu de mãe de aluguel, recebendo um embrião congelado da cunhada e do irmão. Elizabetta vive com a sua tia, e também mãe.

• EMBRIÕES ÓR-

FÃOS: Uma clínica na Austrália mantém dois embriões congelados de um casal de milionários morto num acidente de carro em 1983. Ao saber da fortuna em jogo,



Arquivo

A mãe de aluguel Helen Beasley

numerosas mulheres ofereceram-se para gerar os bebês. Mas a Justiça da Austrália decidiu manter os embriões congelados.

• **MÃE VIRGEM:** Em 1987, a pastora americana Lesley Northrup foi mãe virgem. Ela teve um óvulo fertilizado com um espermatozóide de um doador desconhecido. O embrião foi implantado em Northrup, virgem e solteira, sem a necessidade do ato sexual.

Divulgação



O casal homossexual inglês Barrie Drewitt e Tony Barlow



SHARON DUCHESNEAU, com Gauvin



Mudanças na genealogia

• **A MÃE-IRMÃ:** O clone seria filho ou irmão da mãe, já que é originado do núcleo de uma célula, em vez de nascer da junção de dois gametas (um óvulo e um espermatozóide)? Para os especialistas, a "mãe-irmã" poderia assumir o papel de mãe, desde que agisse como tal: impusesse limites, desse amor, construísse relações de afeto, cuidasse da criança e zelasse por ela. O filósofo Henrique Antoun dá uma amostra de que o tema não é tão novo assim: segundo ele, Levi Strauss já dizia que toda mãe é uma irmã mais velha.

• **O NOVO PAI:** Não será mais preciso que o homem (no caso de um clone feminino) participe com o seu espermatozóide. A figura do pai então seria extinta? Os psicanalistas dizem que não, ela é fundamental, mesmo que exercida por qualquer outra pessoa. Para a psicanalista Maria Helena Junqueira, a ausência do pai não implica ausência da figura paterna, cuja função seria impedir a fusão da mãe com o filho.

• **A NOVA FAMÍLIA:** O laço fundamental não é mais aquele entre pais e filhos e sim entre irmãos. Com a clonagem, o núcleo familiar básico é uma irmandade. As relações afetivas perdem a hierarquia biológica.

• **IDENTIDADE:** Para o coordenador da comissão de Bioética do Cremerj, Arnaldo Pineschi, o que daria identidade a um clone? Seria o resultado do seu teste de DNA? Como, se este seria igual ao exame do seu original? A impressão digital também. Como identificar o clone? E o que ficaria definido quanto à sua herança, se biologicamente ele é filho de seus avôs?